

Narrativas jornalísticas da greve geral da Argentina e Brasil de 2017: intrigas, conflitos e personagens

Narratives of the general strike of Argentina and Brazil in 2017: intrigues, conflicts and characters

Narrativas periodísticas de la huelga general de Argentina y Brasil de 2017: intrigas, conflictos y personajes

DOI: 10.1590/1809-5844201838

Cynthia Mara Miranda¹

<https://orcid.org/0000-0002-9399-7975>

Li-Chang Shuen²

<https://orcid.org/0000-0001-9192-6471>

¹(Universidade Federal do Tocantins, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Palmas – TO, Brasil).

²(Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Luís – MA, Brasil).

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma análise da narrativa jornalística sobre a greve geral ocorrida na Argentina em 6 de abril de 2017 e no Brasil em 28 de abril de 2017. A partir de uma análise comparativa de dois eventos políticos de grande proporção, buscamos identificar similaridades e diferenças na narrativa jornalística da greve geral em dois jornais de ampla circulação nacional: Clarín e Folha de S. Paulo. O *corpus* é composto por manchetes e chamadas de capa de sete edições de cada jornal, tratado quantitativamente no Iramuteq e qualitativamente a partir do referencial metodológico da análise de narrativa. A análise do *corpus* evidenciou a construção de narrativas jornalísticas distintas para reportar eventos políticos com pautas similares e apontou para a necessidade de os meios de comunicação garantirem espaço para a pluralidade de vozes, assim como garantir o espaço do contraditório nas narrativas jornalísticas.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Argentina. Brasil. Greve.

Abstract

In this article, we present an analysis of the journalistic narrative about general strike occurred in Argentina on April 6, 2017 and in Brazil on April 28, 2017. Based on a comparative analysis of two

major political events, we aim to identify similarities and differences in the journalistic narrative of the general strike in two newspapers with wide national circulation: Clarín and Folha de S. Paulo. The corpus is composed of headlines and covers calls of seven editions of each newspaper, treated quantitatively in the Iramuteq and qualitatively from the methodological reference of narrative analysis. The analysis of the corpus evidenced the construction of distinct journalistic narratives to report political events with similar patterns and pointed to the need of the media to guarantee space for the plurality of voices, as well as guarantee the space of the contradictory in the journalistic narratives.

Keywords: Journalistic narrative. Argentina. Brazil. General strike.

Resumen

En este artículo, presentamos un análisis de la narrativa periodística sobre la huelga general ocurrida en Argentina el 6 de abril de 2017 y en Brasil el 28 de abril de 2017. A partir de un análisis comparativo de dos eventos políticos de gran proporción, buscamos identificar similitudes y diferencias en la narrativa periodística de la huelga general en dos periódicos de amplia circulación nacional: Clarín y Folha de S. Paulo. El corpus está compuesto por titulares y llamadas de portada de siete ediciones de cada periódico, tratado cuantitativamente en el Iramuteq y cualitativamente a partir del referencial metodológico del análisis de narrativa. El análisis del corpus evidenció la construcción de narrativas periodísticas distintas para reportar eventos políticos con pautas similares y apuntó a la necesidad de los medios de comunicación de garantizar espacio para la pluralidad de voces, así como garantizar el espacio del contradictorio en las narrativas periodísticas.

Palabras clave: Narrativa periodística. Argentina. Brasil. Huelga general.

Introdução

Neste artigo, analisamos a narrativa jornalística da greve geral na Argentina e no Brasil no ano de 2017. Na Argentina, a greve geral ocorreu no dia 6 de abril e, no Brasil, no dia 28 de abril. Analisar a cobertura jornalística de dois eventos políticos de proporção nacional permite realizar o exercício comparativo da produção jornalística de dois países pertencentes à América Latina, com governos de direita e que apresentam especificidades sociais, culturais e econômicas que em alguns momentos se aproximam e em outros se distanciam. O objetivo do artigo é apresentar uma análise crítica sobre a cobertura de um evento contrário aos interesses das elites que apoiam os governos desses dois países, nascidos de conjunturas institucionais distintas, mas semelhantes no tocante à clientela que atendem.

A análise comparada é uma ferramenta para testar nossa hipótese de trabalho: de que há em curso, no Brasil e na Argentina, um processo de sincronia entre as elites políticas e econômicas para minimizar o protagonismo das esquerdas e dos movimentos sociais que estiveram, nos últimos 15 anos, à frente de importantes mudanças sociais nos dois países. Os governos conservadores enfrentam resistência popular e contam com a simpatia da chamada grande imprensa, ela mesma uma instituição política, como aliada para suprimir as vozes discordantes de forma a “acalmar o mercado” e conquistar confiança para implementar

reformas antipopulares que deram ensejo às greves.

Testamos a hipótese de que, por meio da narrativa que constroem sobre os acontecimentos, os jornais dialogam com as elites econômicas e políticas e não com o público leitor comum. Apesar de vendidos em banca e dirigidos a um público tecnicamente heterogêneo e massivo, sustentamos que a cobertura de assuntos econômicos e políticos, mesmo em jornais generalistas, é voltada para as elites e grupos de interesse dos quais os próprios jornais fazem parte.

O estudo contempla apenas as manchetes e chamadas de capa de Clarín e Folha de S. Paulo na semana (sete dias) que coincide com a ocorrência da greve nacional nos respectivos países. Os dois veículos foram escolhidos pelo critério da circulação e da abrangência: são os jornais de maior circulação em seus países e alcançam a totalidade de seus territórios, seja por meio impresso ou por plataformas digitais. O jornal Clarín tem tiragem média de 250 mil exemplares para uma população calculada em 40 milhões de pessoas, enquanto a Folha de S. Paulo, maior circulação entre os jornais brasileiros, tem tiragem média de 300 mil exemplares para uma população de 200 milhões de habitantes.

A capa é a página mais importante de um jornal, tendo em vista que nela localizamos as principais informações e destaques de todos os fatos que serão noticiados no interior do impresso. Como vitrine, a capa é acessível a qualquer pessoa: mesmo que ela não compre um exemplar, ela pode ver as manchetes nos jornais expostos em bancas e consultórios/escritórios ou nos portais de internet. A escolha das capas dos jornais como objeto de análise justifica-se, dessa maneira, por constituírem genuinamente um espaço de representação jornalística, lugar onde os assuntos que serão apresentados aos/as leitores/as sob a forma de notícias são selecionados e hierarquizados. Nas capas, as empresas jornalísticas oferecem uma versão da realidade com o objetivo de ganhar a adesão coletiva, e nelas podemos identificar os alinhamentos ideológicos do veículo a partir da construção das narrativas dos assuntos em destaque (CUNHA, 2007).

O *corpus* é composto por capas do Clarín publicadas entre 2 e 8 de abril e da Folha de S. Paulo publicadas entre 23 e 29 de abril de 2015. No jornal Clarín foram identificadas sete manchetes e sete chamadas para editorial. Optamos por retirar do *corpus* de análise as chamadas para os editoriais e para os artigos, pois embora façam referência em seu texto à greve geral, as chamadas curtas contidas na capa por si só não permitiriam ao/a leitor/a esse tipo de interpretação sem recorrer ao respectivo texto, pois as chamadas não estavam acompanhadas de *leads*. Como nosso objetivo é concentrar na narrativa da capa, retiramos as chamadas para os editoriais e para os artigos do *corpus* da análise, mas reconhecemos que as chamadas poderiam ser um critério de análise pois a forma como aparecerem não é gratuita e faz parte da estratégia de enunciação ou da narrativa do jornal.

No jornal Folha de S. Paulo foram identificadas onze manchetes, quatro chamadas para artigos e três chamadas para editoriais e, assim como mencionado anteriormente, optamos por excluir da amostra as três chamadas para editoriais sobre a greve e também as quatro chamadas para os artigos. O *corpus* analisado a seguir é composto por 18 manchetes

e chamadas de capa com seus respectivos *leads* dos dois jornais que fizeram referência direta ou indireta à greve geral nos dois países.

Optamos por um estudo comparado tendo por ferramenta metodológica a análise pragmática da narrativa jornalística (MOTTA, 2007; LAGO; BENETTI, 2007; MOTTA, 2013). O método comparado permite um estudo sistemático de similaridades e diferenças e, ao adotá-lo neste estudo, pretendemos conhecer alguns dos elementos subjacentes e ideológicos que influenciaram a construção da narrativa jornalística da greve geral nos dois países. A análise de narrativa nos permite compreender a notícia como um artefato cultural e político (MOTTA, 2013). A unidade dessa narrativa, a notícia, é um produto contextual: não depende apenas do fluxo dos acontecimentos, mas também de fatores sociais, econômicos, culturais, políticos, organizacionais e até pessoais (dos jornalistas). O que se diz é tão importante quanto o que não se diz: nos silenciamentos também há sentidos.

A análise da narrativa jornalística obedeceu aos seguintes passos: identificação do narrador/das vozes que contam a história; identificação dos personagens; identificação e reconstrução da intriga; análise. O estudo das chamadas e manchetes de capa nos coloca diante do primeiro narrador, o coletivo que denominamos jornal. De acordo com Motta (2013, p.227),

Primeiro-narrador (extradieгético, fora da história): é o veículo (jornal, revista, telejornal, portal) que enuncia as manchetes, títulos, chapéus, chamadas, escaladas. Sua performance narrativa se realiza com a finalidade de atrair a audiência genericamente definida, vender a estória através de uma apresentação sedutora dos conflitos, tensões e contradições relatados nas páginas e telas. O veículo joga, assim, um jogo de atração, sedução e persuasão no sentido semiótico da palavra, mas que põe também em operação interesses comerciais e institucionais desse narrador.

A história do presente que os jornais entregam ao leitor é uma história mediada através de textos que são apenas superficialmente informativos. A notícia, por mais que tenha sido escrita de acordo com a mais estrita técnica de redação jornalística, traz sempre uma intencionalidade, nunca é um discurso neutro ou inocente (FAIRCLOUGH, 1995; VAN DIJK, 2015).

O artigo desdobra-se a partir de reflexões teóricas do jornalismo no contexto político da Argentina e Brasil, na sequência traça os percursos da cobertura jornalística sobre a greve geral na Argentina e no Brasil analisando as intrigas, personagens e narrativas do jornal Clarín e do jornal Folha de S. Paulo sobre a greve. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre os distanciamentos e aproximações da narrativa jornalística nos referidos países e destacamos a importância de os meios de comunicação garantirem espaço para a pluralidade de vozes.

Jornalismo argentino e brasileiro: reflexões sobre o contexto político

Os meios massivos na América Latina apresentam um nível de concentração que tem excedido a sua função de contrabalancear o poder dos governos para converter-se em apoiadores desses mesmos governos e reprodutores de uma ordem social crescentemente concentrada e injusta, que não está a serviço dos cidadãos. Para Gómez (2011), os governos latino-americanos tiveram poucos avanços em matéria de democratização das comunicações dos meios.

Os grupos de comunicação ao longo da história da Argentina e Brasil têm cultivado relações estreitas com o poder político, o que tem resultado na escassa regulação do setor. Para Becerra (2014, p.57),

La concentración de la propiedad en pocos grupos tiende a la unificación de la línea editorial y a la reducción de la diversidad. La concentración, además, vincula negocios del espectáculo (estrellas exclusivas), del deporte (adquisición de derechos de televisión), de la economía en general (inclusión de entidades financieras y bancarias) y de la política (políticos devenidos en magnates de medios, o socios de grupos mediáticos) con áreas informativas, lo que produce repercusiones que alteran la pretendida “autonomía” de los medios.

Por mais que alguns países da América Latina tenham avançado na legislação sobre os meios de comunicação, como é o caso da própria Argentina e do Uruguai, por exemplo, a região ainda apresenta um cenário de grandes monopólios de comunicação que impactam diretamente na qualidade e na diversidade de informação que chega até o/a cidadão/ã. Contudo, a existência de um marco legal, muitas vezes, não é garantia de implementação de uma política pública.

O Brasil não avançou na criação de uma lei dos meios, mesmo tendo vivenciado um período favorável para a gestação durante os governos Lula e Dilma, considerados progressistas. Mesmo a regulação da mídia sendo uma bandeira histórica do Partido dos Trabalhadores, não houve esforço para enfrentar os grupos econômicos que hegemonizam os meios de comunicação no país, como é o caso da Rede Globo. Apesar da mobilização dos movimentos sociais capitaneados pelo Fórum Nacional de Democratização dos Meios de Comunicação (FNDC), que sempre debateram a questão, toda tentativa de institucionalizar o tema era vista pelos grupos de comunicação como censura.

O baixo índice de diversidade da propriedade da mídia nos dois países produz situações peculiares do ponto de vista prático e que precisam de uma reflexão a partir do conhecimento teórico sobre Comunicação e Jornalismo. A imprensa – referindo-nos aos jornais de referência, de veículos tradicionais, ligados a grupos econômicos bem estabelecidos – comporta-se como instituição política. Cook (2005) e Sparrow (1999) demonstraram em suas pesquisas que a imprensa é uma instituição política como outra qualquer, resguardadas suas especificidades,

e que a colaboração dessa instituição é necessária para que os governos sejam estáveis. Em *Governing With the News: the News media as a political institution*, Cook (2005) demonstra como, ao longo da história americana, os presidentes buscaram sintonia com a imprensa.

No Brasil, existem estudos que demonstram que os governos não alinhados com os grupos políticos e econômicos dominantes tiveram que lidar com a oposição da imprensa (ver, por exemplo: GUAZINA, 2011; LATTMAN-WELTMAN; CARNEIRO; RAMOS, 1994; LIMA, 2006). No caso da presidenta Dilma Rousseff, a oposição da imprensa, que se comportou como adversário político desde o primeiro mandato de Lula, foi fator preponderante para seu enfraquecimento e consequente queda via manobra parlamentar.

O jornal Clarín pertence ao Grupo Clarín, que é detentor de canais e meios de comunicação na Argentina. Como ocorreu em muitos países latino-americanos, o grupo foi construído a partir de uma relação convergente entre a empresa jornalística e o poder político. Editado em Buenos Aires, foi fundado em 1945 por Roberto Noble, que o dirigiu até 1969, quando morreu. Sua esposa, Ernestina Herrera de Noble, herdou a empresa. Em 1965, tornou-se o jornal com maior tiragem na capital argentina e nas décadas seguintes continuou crescendo a partir da diversificação das atividades (SILVEIRA, 2009).

No final da década de 1980 e começo da de 1990, o jornal apresenta um grande crescimento. A empresa se diversificou, endividando-se em dólares. Nessa época, segundo Silveira (2009), o banco americano de investimentos Goldman Sachs pagou US\$ 500 milhões para adquirir 18% do grupo e o conglomerado Clarín também foi fortalecido com financiamento do Estado. Segundo Silva (2009), dados, compras, licitações revelam relações do grupo no campo político, econômico e social, demarcando fases históricas da composição do jornal e que são visíveis na forma de produção de narrativas que são mostradas nas páginas do periódico.

Os anos 1990 são marcados por inovações no jornal Clarín: primeiro, em 1995, com o lançamento da sua página na *Internet* e no ano seguinte passa a ser editado em cores. Em 2003, o diário passou por uma enorme reformulação gráfica e também no mesmo ano, até 2006, como destacado por O'Donnell (apud PINHEIRO, 2008, p.30-36) em seu livro "*Propaganda K: una Maquinaria de Promoción con el Dinero del Estado*", a empresa lucrou o equivalente a 22 milhões de reais em propaganda oficial.

Em 2008, o Clarín tem o primeiro conflito com o governo argentino na época em que Cristina Kirchner era presidenta, quando deu espaço na cobertura jornalística para os protestos dos produtores rurais, indignados com o aumento do imposto sobre a exportação de grãos (SILVA, 2009). Segundo Silveira (2014), o rompimento e as hostilidades crescentes entre o governo e o grupo empresarial geraram momentos extremamente tensos e foram ainda mais acirrados com a aprovação da Lei de Meios da Argentina, que buscava entre os seus objetivos restringir a concentração da propriedade de canais de TV e estações de rádio.

Criada em 2009, a Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual (LSCA) representou um marco para o setor construído a partir do acúmulo dos movimentos sociais, de legislações de outros países e de tratados internacionais de direitos humanos. A LSCA substituiu o

decreto-lei da ditadura e seu processo de discussão e aprovação contou com a vontade política do governo em promovê-lo e com ampla participação de parte da sociedade civil (LARA, 2013). Com a chegada de Maurício Macri ao governo da Argentina em 2015, a lei não foi revogada, mas itens que obrigavam o grupo Clarín a desinvestir e a se livrar de algumas empresas caíram por decreto.

O jornal Folha de S. Paulo pertence ao Grupo Folha e está em circulação com o referido nome desde o início da década de 1960. Foi precedido por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados Folha da Noite, Folha da Tarde e Folha da Manhã. Editado na cidade de São Paulo, foi fundado por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha em 19 de fevereiro de 1921. Em janeiro de 1931, o jornal foi vendido para Octaviano Alves Lima, cafeicultor, que priorizava a defesa dos interesses da lavoura e defendia o liberalismo. Em 1945, o jornal cerrou fileiras com os defensores da consolidação da democracia no país, até 1950 assumiu uma linha editorial eminentemente agrarista e na década de 1950 começa a se reinventar, em termos de linha editorial, pela ênfase nos setores urbanos e industriais (SILVEIRA, 2014).

O início da década de 1960 assistiu a profundas mudanças nas folhas. Uma delas, de ordem mais formal, foi a mudança de nome para *Folha de S. Paulo*. Outra foi a greve de jornalistas em 1961 e, finalmente, a mudança da direção da empresa em 13 de agosto de 1962, quando “A linha editorial a partir de então tornou-se francamente antijanguista e pró-mobilização para o movimento que culminou com os acontecimentos de 1964” (VERBETE FOLHA DE SÃO PAULO, 2017). No início da década de 1970, a Folha de S. Paulo deu início à revolução tecnológica e à modernização do seu parque gráfico (MOREIRA, 2006). Em 1978, o jornal iniciou uma série de mudanças na estrutura interna da redação e foi criado o conselho editorial.

Em 1986, a Folha tornou-se o jornal de maior circulação em todo o país, liderança que mantém desde então. Em 1995, um ano depois de ultrapassar a marca de um milhão de exemplares aos domingos, o jornal inaugurou seu novo parque gráfico, considerado o maior e mais atualizado tecnologicamente na América Latina. Nos anos 2000, o jornal se fortaleceu como uma grande empresa de comunicação, o centro de uma série de atividades na esfera da indústria das comunicações, abrangendo jornais, banco de dados, instituto de pesquisas de opinião e de mercado, agência de notícias, serviço de informação e entretenimento em tempo real, gráfica de revistas e empresa transportadora (MOREIRA, 2006).

Em um estudo sobre as manifestações de rua ocorridas no Brasil em 2015 lideradas pelo Movimento Brasil Livre e Vem Pra Rua que tiveram como principais bandeiras o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT), Veloso, Vasconcelos e Cardoso (2017) destacaram que o jornal Folha de S. Paulo concentrou sua cobertura jornalística para estimular as manifestações contra o governo do PT, dando pouco ou quase nenhum espaço na cobertura para as manifestações em prol do governo Dilma organizadas pela Frente Brasil Popular, por exemplo. Na mesma direção, Vieira (2017) pontua que a grande mídia brasileira – da qual a Folha de S. Paulo faz parte - atuou de forma enviesada na cobertura do

impeachment na tentativa de culpabilização da ex-presidenta e seu partido pelos problemas de ordem econômica, social e política que o país estava vivenciando.

Narrativas sobre a greve: jornalismo em diálogo com as elites

A análise de narrativa pressupõe o olhar sobre alguns aspectos de uma história. Neste artigo, optamos por analisar três desses aspectos: os personagens, a intriga e a narrativa que foi construída a partir da interação entre a intriga e os personagens. Nas duas tabelas abaixo, reproduzimos as manchetes e chamadas que fazem parte do *corpus* (não reproduzimos os *leads*, embora eles também tenham sido processados para esta análise) e que foram recortadas da primeira página do jornal Clarín, Buenos Aires, Argentina, no período de 2 a 7 de abril de 2017 e da primeira página do jornal Folha de S. Paulo, São Paulo, Brasil, no período de 23 a 29 de abril de 2017.

Tabela 1 – Manchetes e chamadas de capa de Clarín

Dia	Manchete/chamada de capa de O Clarín
2 de abril	Una demostración ciudadana con impacto político La marcha de apoyo a Macri sorprendió al poder, llenó la Plaza y se sintió en el interior.
3 de abril	Fortalecido tras las marchas de apoyo, el Gobierno busca relanzar su gestión
4 de abril	La pulseada del Gobierno con los grêmios Antes del paro, Macri habló de máfias y se cruzó fuerte com los sindicalistas.
5 de abril	La ex presidenta, cada vez más complica em la Justicia Procesan a Cristina por asociación ilícita y la embargan em \$130 millones
6 de abril	Los sindicatos reclaman cambios en la economía Macri enfrenta el primer paro y habrá despliegue por la amenaza de cortes
7 de abril	La primera huelga de la CGT contra la administración macrista El paro se sintió fuerte, pero el Gobierno controló los piquetes

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tabela 2 – Manchetes e chamadas de capa da Folha de S. Paulo

Dia	Manchete/chamada de capa da Folha de S. Paulo
23 de abril	Contribuição à Previdência cresce apesar de desemprego
24 de abril	Nenhum destaque na capa
25 de abril	PSB se posiciona contra reformas do presidente
25 de abril	Brasil precisa ter disciplina para negociar reformas
26 de abril	Reforma trabalhista avança e será votada hoje
27 de abril	Ato grevista planeja fechar aeroportos de SP na sexta
27 de abril	Câmara aprova projeto que flexibiliza a lei trabalhista
28 de abril	País tem greve geral e atos contra reformas
28 de abril	Governo federal vê risco de conflitos com black blocs
29 de abril	Greve atinge transportes e escolas em dia de confronto
29 de abril	Temer parabeniza Doria por atitudes contra paralização
29 de abril	Principais capitais do país acordam em clima de feriado

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir desse *corpus*, processamos os títulos e os *leads* das notícias no *software* Iramuteq para extrair dados quantitativos e de similitude para embasar a análise qualitativa feita nos moldes da análise de narrativa, que apresentamos a seguir. O Iramuteq é um *software* livre e foi escolhido por permitir análises mais aprofundadas, tanto quantitativas como qualitativas, por meio da mineração de dados textuais. O programa permite conhecer as palavras mais usadas em um texto (dado quantitativo) e como essas palavras se relacionam entre si construindo sentidos que extrapolam o texto (dado qualitativo). Para o processamento dos dados, é necessário digitar os textos em um bloco de notas com comandos legíveis pelo Iramuteq. O comando padrão é `*** *N_`, onde N é o número do texto. Cada texto começa com esse comando, acrescido de informações personalizadas da amostra. Neste trabalho, os comandos foram `*** *N_1` a `*** *N_12` para o Clarín e `*** *N_1` a `*** *N_18` para a Folha de S. Paulo. Usamos apenas o comando de número de texto porque todos pertenciam à mesma categoria, não sendo necessário fazer diferenciações por editoria e tipo de manchete, por exemplo. Cada conjunto de textos foi processado em dois arquivos diferentes, um para cada jornal. Como o Iramuteq reconhece apenas uma língua por vez, não foi possível juntar as manchetes dos dois jornais em um único arquivo para uma análise conjunta.

Os personagens: Macri, Temer, movimentos sociais/esquerda

Toda narrativa é um processo discursivo que pressupõe interações: entre as pessoas de quem se fala, as pessoas que falam e as que escutam o dito, que é dito sob uma forma

determinada por fatores múltiplos que concorrem para dar vida ao que é dito (e ao que não é também, pois fazem parte da narrativa o silenciamento e o apagamento). Os personagens são elementos essenciais para compreender a intriga que compõe uma narrativa.

Macri e Temer são os personagens principais da narrativa sobre a greve geral construída nos dois jornais. No jornal argentino, o presidente é construído a partir da ideia de que o povo compreende suas ações e concorda com elas (afinal, não houve uma marcha de apoio a Macri nos dias anteriores à greve geral?). No jornal brasileiro, o presidente é diretamente associado ao sujeito das ações (reformas) que levariam os antagonistas às ruas.

As reformas, tanto no jornal brasileiro quanto no argentino, constituem-se em si mesmas como personagens que compõem o fio narrativo. Os movimentos sociais e a esquerda são retratados como antagonistas: são eles que se opõem aos protagonistas (presidentes). Há ainda um personagem silenciado nas capas: o público. Conforme veremos adiante, Macri, Temer, reformas e movimentos sociais/esquerda dominam as capas cujas manchetes e chamadas dialogam com as elites políticas e econômicas e excluem do debate o público/povo. Nesta cobertura, público foi sinônimo apenas de espectador: ele não foi chamado a dialogar com a história contada.

Os presidentes não deveriam ser os protagonistas naturalizados de um noticiário sobre greve contra reformas que retiram direitos trabalhistas e previdenciários. Os jornais usaram o critério de noticiabilidade “importância dos envolvidos” como forma de mascarar a escolha política de alocar o protagonismo a apenas um lado, no caso o governo. Os critérios de noticiabilidade e valores-notícia, categorias consolidadas na teoria do jornalismo para explicar as escolhas do que será ou não publicado (SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2005; WOLF, 2003), apesar de serem vistos como critérios técnicos podem também encobrir as escolhas políticas que perpassam o noticiário.

Jornalismo é uma forma de conhecimento (PARK, 1969; GROTH, 2011) e isso tem implicações no mundo real: o conhecimento que o jornalismo constrói está na intersecção entre o senso comum e o conhecimento científico e é mais acessível à sociedade que este último. Logo, ao usar a notícia como artefato político e tomar partido de um lado da disputa que noticia, o jornalismo interfere na percepção do que é real para quem tem acesso apenas àquela fonte viciada de informações. O conhecimento de mundo do público se transforma em um quebra-cabeça em que peças estão em permanente falta. Ao negar o protagonismo ao cidadão que se sente atingido pelas reformas, e ao contingenciar a oposição a essas reformas a um nicho – a esquerda, os movimentos sociais –, o jornalismo praticado por Clarín e Folha de S. Paulo fornece um quebra-cabeça com peças faltantes para um público, a priori, ignorado nessa mesma narrativa.

Os movimentos sociais/a esquerda configuram o personagem antagonista na narrativa. Consideramos nesta análise os sindicatos como movimentos sociais/a esquerda, conforme categorização dos próprios jornais. Sabemos que movimentos sociais, esquerda e sindicatos não são sinônimos. Nos jornais, porém, o público é induzido a reconhecê-los como uma única força, um único personagem e, claro, um inimigo que perturba o direito

de ir e vir com suas paralisações e bloqueios. Não à toa existe a ênfase nos “transtornos” que a greve geral iria trazer para os meios de transporte utilizados pelo trabalhador em sua locomoção até o trabalho. O povo, aliás, é trazido apenas nessa hora à narrativa: como alguém que será prejudicado pela greve, não pelas reformas que os governos de Brasil e Argentina propõem.

A intriga e a narrativa

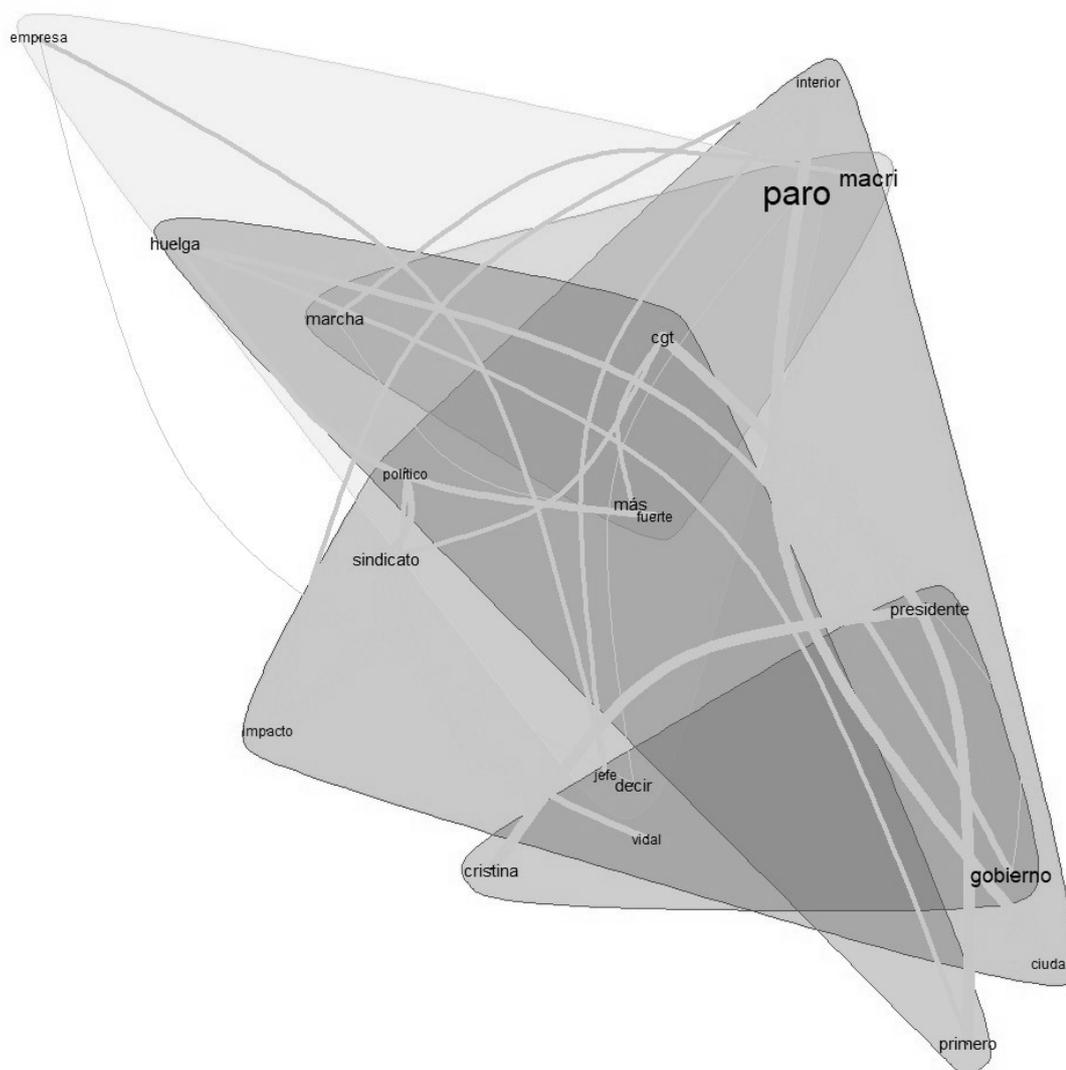
Clarín e Folha de S. Paulo construíram a sua narrativa a partir de uma intriga similar: a greve geral é fruto do descontentamento de setores da esquerda. A ênfase com que os jornais tratam essa informação – movimentos sociais de esquerda e sindicatos – foi ligeiramente diferente, porém. A construção da intriga no Clarín isolou o presidente Macri e suas reformas, de um lado, e o descontentamento dos manifestantes, de outro. Na Folha de S. Paulo, afere-se que as narrativas tratam as reformas do governo Michel Temer como necessárias e que mesmo sendo necessárias motivaram a greve.

No Clarín, nos dias anteriores à greve, as chamadas de capa noticiavam a marcha em favor de Macri, o embate verbal entre o presidente e os sindicalistas (chamados de “mafiosos” por Macri), os problemas que a ex-presidenta Cristina Kirchner enfrenta com a justiça e *spoilers* de que haveria uma greve geral. No dia da greve, Macri é trazido ao centro da narrativa: as centrais realizam sua primeira greve contra o governo e o jornal abre espaço para afirmação irônica do presidente durante um fórum com empresários no dia da greve: “*Qué bueno que todos estamos aquí... trabajando*” (CLARÍN, 7 abr., p.1, 2017).

Cabe ressaltar que governo e presidente, como escolhas semânticas nos dois jornais, referem-se a personagens distintos dentro da narrativa. Presidente é um sujeito individualizável: há apenas um. Já governo é um ente coletivo: é o presidente, mas também é toda a rede de auxiliares, ministros, funcionários públicos e agentes estatais.

O gráfico de similitude a seguir (Gráfico 1), produzido a partir das chamadas e *leads* publicados na semana da greve no Clarín, mostra como a narrativa do jornal procura isolar Macri e seu governo das motivações dos grevistas e como há uma projeção de Cristina Kirchner como uma figura, para além dos problemas na justiça, que mantém ligações com as marchas contrárias às mudanças que motivam a paralisação. A ex-presidenta e os movimentos sociais são criminalizados a priori nessa narrativa.

Gráfico 1 – Análise de similitude Clarín



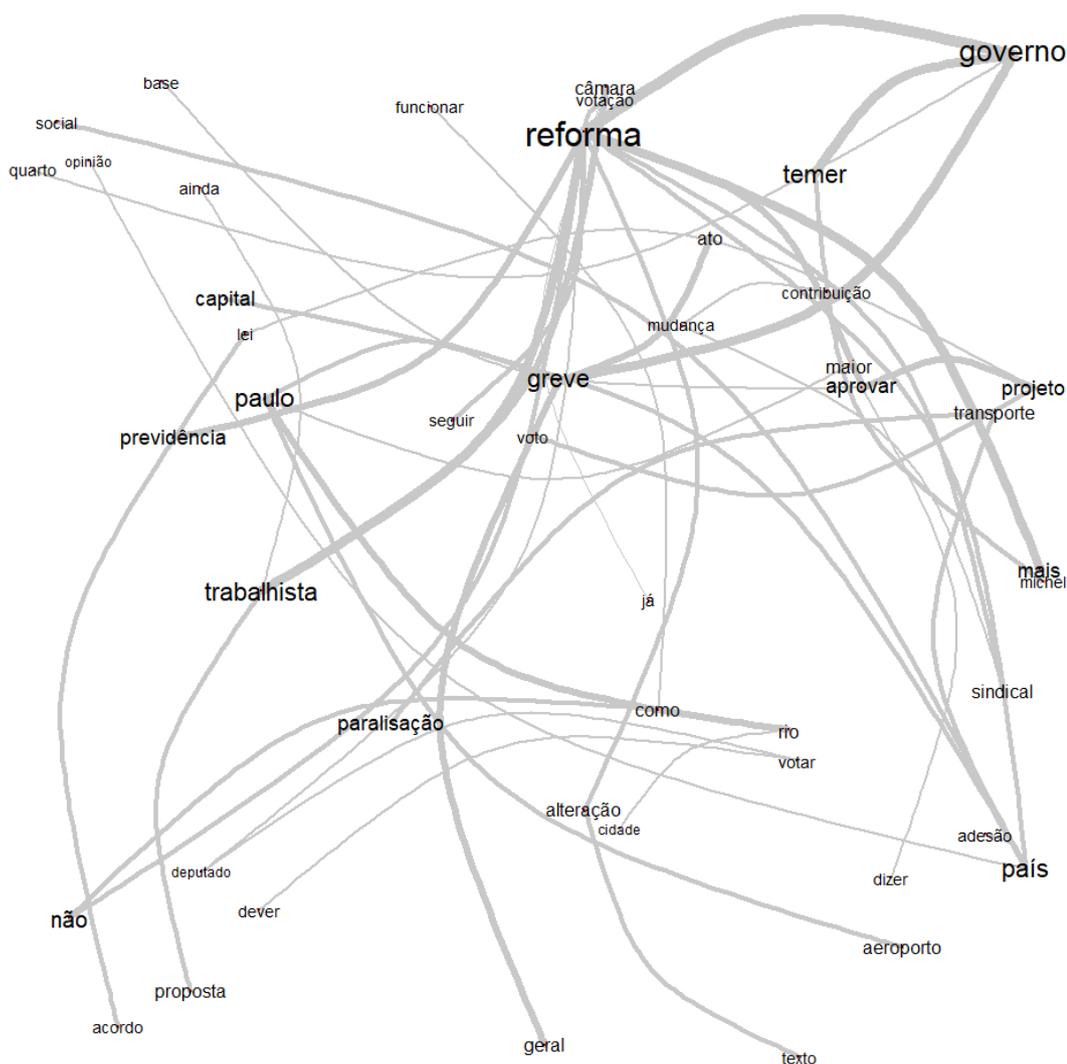
Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de processamento de texto no Iramuteq.

As escolhas vocabulares do jornal procuram enfraquecer a greve como notícia: a palavra **paro** foi utilizada mais vezes que a palavra **huelga** (greve): dez contra quatro, o que leva o vértice “**paro**” a ter ligações mais fortes (linhas mais grossas e mais conectadas no gráfico). As linhas do gráfico não mostram uma ligação direta entre **gobierno** e **Macri** com **paro** e **huelga**. É a dissociação a qual destacamos anteriormente: para o leitor do Clarín, a greve poderia acontecer em qualquer governo, sob quaisquer circunstâncias, dados os seus promotores: sindicatos e movimentos sociais.

Já a narrativa da Folha de S. Paulo não isolou o presidente Michel Temer e suas reformas das motivações dos sindicatos e movimentos sociais que convocaram a greve. Nos dias anteriores à paralisação, o jornal publicou em sua capa notícias sobre o andamento das reformas, sobre o aumento da população que contribui com a previdência apesar do desemprego (ou seja, não há motivo para greve) e sobre os preparativos dos sindicatos e do governo para o dia da greve. Diferentemente do Clarín, que separa governo e presidente, na Folha de S. Paulo, o personagem “governo do presidente Michel Temer” não se separa do presidente Michel Temer. Não há personificação das ações no presidente: a personificação é do ente coletivo e esse ente coletivo, governo, está fortemente relacionado a Michel Temer, indivíduo. É uma escolha semântica inesperada.

O gráfico de similitude (Gráfico 2) mostra que a narrativa do jornal não se furtou a identificar o governo com as reformas que motivam a greve, mas trata as reformas em sua narrativa como algo necessário para o bem do país. Diferentemente do Clarín, a Folha usa a palavra **greve**, não enfraquecendo semanticamente o movimento paredista. As palavras **reforma**, **greve** e **governo** aparecem, respectivamente, 14, dez e dez vezes. Em seguida, a amostra contabiliza **Temer** e **trabalhista** (relativo à reforma) oito vezes. A palavra **Paulo** (referente a São Paulo, que o Iramuteq separa por não reconhecer o nome composto da cidade) aparece sete vezes na amostra, o que evidencia a preocupação do jornal com o impacto da paralisação exclusivamente na maior capital do país, corroborando com a sua proposta de existência como estrutura de comunicação criada por e para defesa da elite paulista e paulistana. Inclusive, no gráfico, **Paulo (São)** forma um vértice de onde parte um dos pontos da narrativa do jornal.

Gráfico 2 – Análise de similitude Folha de S. Paulo



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de processamento de texto no Iramuteq.

O gráfico de similitude referente à Folha de S. Paulo é mais “robusto” porque os *leads* do jornal são maiores que os do Clarín, logo, há mais palavras para o Iramuteq processar e associar. Ao observar os textos, notamos que as ações do governo são sim identificadas como a fonte de insatisfação que leva à greve. Na edição do dia anterior à greve, a Folha traz em sua capa um *teaser*¹ do que promete ser a paralisação (fechamento

1 No âmbito do jornalismo, compreende-se *teaser* como uma informação utilizada para chamar a atenção, uma breve chamada de uma notícia.

de aeroportos e parada dos serviços de transporte público em grandes cidades) e informa a aprovação da reforma trabalhista na Câmara. No dia da greve, por exemplo, o jornal coloca na capa chamada para dois artigos que evidenciam posições diferentes sobre o movimento: uma favorável (Paralisação é demagogia, não se reforma país com vandalismo) e outra desfavorável (Grito das ruas será categórico não à retirada de direitos do povo) (FOLHA DE S. PAULO, 28 abr., p.1, 2017).

Os dois artigos foram excluídos do *corpus* da análise conforme dito na metodologia, mas aqui fizemos a escolha de referenciá-los para exemplificar que os textos de articulistas com posições contrárias na capa têm, na Folha, a função de oferecer ao leitor uma prova de que o jornal pratica os princípios da isenção e da imparcialidade: é uma migalha de debate sobre temas polêmicos que o jornal atira aos leitores como forma de “prestação de contas” do jornalismo que deveria ouvir os vários lados de uma questão. É uma concessão controlada ao leitor, posto que o que é publicado na capa é, em geral, aquilo que alimenta o diálogo entre as elites econômicas e políticas que falam por meio do jornal e que nesse contexto anseiam pelas reformas.

A intriga, vale repetir, é a da greve como expressão de descontentamento de movimentos sociais e de setores da esquerda. Na edição do dia 29 de abril, a Folha estampa a conclusão da narrativa que vinha construindo ao relacionar a greve às reformas “que o país precisa”, greve esta construída por movimentos que trazem caos à ordem pública porque a “Greve atinge transportes e escolas em dia de confronto”. A foto principal é de um *black bloc* quebrando uma vidraça. Aqui cabe destacar que o jornal Clarín também utilizou fotos dos manifestantes encapuzados como uma alusão direta a baderneiros/terroristas. A narrativa da Folha é a publicização de um pensamento de classe média e de elite, segundo o qual, greve é um transtorno no cotidiano de quem quer apenas ir e vir e cumprir suas tarefas. Não à toa, a capa do dia 29 de abril traz uma chamada para a notícia de que o presidente Temer telefonou para o prefeito de São Paulo, João Dória, para parabenizá-lo por suas ações de contenção dos transtornos causados pela paralisação (FOLHA DE S. PAULO, 29 abr., p.1, 2017).

O conjunto das notícias, tanto na Folha quanto no Clarín, mostra um jornalismo claramente do lado dos governos. No caso da Folha, é uma postura compatível com a dos grupos empresariais paulistas que deram apoio ao processo de *impeachment* da presidenta Dilma com a narrativa de que o governo dela era prejudicial à economia do país. No caso do Clarín, é uma postura editorial em consonância com o partidarismo anti-kirchnerista que o grupo Clarín mantém desde que rompeu com os Kirchner ainda no primeiro mandato de Cristina Kirchner. Identificar a esquerda com o kirchnerismo e, conseqüentemente, com baderna e falta de compromisso com o país faz parte do núcleo narrativo que o jornal se esforça por alimentar.

Os dados nos mostram que o paralelismo político entre Clarín e governo Macri é maior que o paralelismo político entre Folha de S. Paulo e governo Temer. A “convergência de objetivos, meios, enfoques e públicos entre determinados jornais e determinados partidos políticos” (ALBUQUERQUE, 2012, p.8) ou determinados governos é mais escancarada na

narrativa do Clarín, mas ela existe na Folha e é possível identificar as vozes que falam em consonância com essa convergência no jornal: os grupos econômicos sediados em São Paulo, os mesmos que dão suporte ao governo Temer.

A tradição funcionalista, que explica a imprensa como instituição que tem como função ser o “cão de guarda” da sociedade, não explica o paralelismo político, mas revisões mais críticas de “por que as notícias são como são” (TRAQUINA, 2005) avançam no entendimento de que a imprensa é uma instituição política e seus interesses não se coadunam com essa função de vigilante do meio: a imprensa pode ser advogada, pode ser adversária e pode, eventualmente, agir como cão de guarda. No caso em que estamos analisando, vemos o jornalismo advogado de governos em prática, com mais ênfase nas páginas do Clarín que da Folha.

A análise crítica da narrativa construída pelos dois jornais sobre as greves nos leva a um questionamento central: o que Clarín e Folha de S. Paulo estampam em suas capas durante o período de cobertura da greve é jornalismo ou publicismo? A teoria do jornalismo define que o primeiro tem como características a isenção, a imparcialidade e a objetividade (TRAQUINA, 2005; SOUSA, 2002; GROTH, 2011). Mas existem outras características que asseguram a peculiaridade do jornalismo: os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia. O publicismo é definido como atividade, nos meios de comunicação, em que a notícia é colocada em segundo plano em detrimento de opinião, orientação a ser dada ao público, trincheira a ser defendida (BAHIA, 2009). O jornalismo guiado por fontes, por investigação, por lados a serem ouvidos, no publicismo é apenas um detalhe que pode ser ignorado ou mesmo mascarado – é possível utilizar os tais critérios e valores para fazer propaganda de uma ação (como as reformas em questão), para defender uma posição e atacar outra, para promover ideias e sujeitos. O jornalismo da mídia de referência do século XXI, apesar de mais tecnológico, flerta com o jornalismo partidário do século XIX.

Considerações finais: similaridades e diferenças na narrativa jornalística argentina e brasileira

A greve geral ocorrida na Argentina e no Brasil sinalizou insatisfação de grande proporção da população contra as medidas econômicas adotadas pelo governo Macri e contra as reformas das leis trabalhistas e da previdência social propostas pelo governo Temer. Buscou-se mostrar, ao longo do artigo, que nem o jornal Clarín nem o jornal Folha de S. Paulo destacaram essas insatisfações em suas edições, e o que ficou evidente nas semanas da greve aqui analisadas foi a construção de uma narrativa jornalística favorável às ações propostas pelos governos Macri e Temer.

Ao considerar a influência que um jornal de grande circulação pode causar, como é o caso do Clarín e da Folha de S. Paulo, o jogo de palavras e expressões pode direcionar seu público para determinado tipo de interpretação e a análise das capas dos jornais apresentou a tendência facilmente identificável de apoio aos referidos governos ao longo da semana em que foi convocada greve geral contra as medidas reformistas. O destaque para a greve geral

em si foi mínimo e protocolar (a pauta não pôde ser ignorada, mas não foi dada a ela destaque) e, quando ela foi referida nos jornais dos dois países, foi para tentar dispersar a greve, tentar ganhar a adesão coletiva contra a greve e criticar duramente a sua ocorrência. Não houve espaço adequado para que as centrais sindicais pudessem expor o objetivo das paralisações.

A pesquisa aponta para a necessidade de os meios de comunicação garantirem a pluralidade de vozes, assim como garantir o espaço do contraditório nas narrativas jornalísticas dos referidos periódicos. Apresentar apenas uma versão da realidade como sendo a versão que pode ganhar a adesão coletiva tendo em vista o potencial de influência dos jornais aqui analisados não contribui para o exercício de responsabilidade social do jornalismo de informar o/a leitor/a.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. O Paralelismo Político em Questão. **Revista Compólitica**, v.2, n.1, ed. Jan-jun, 2012.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnicas**. 5ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- BECERRA, M. América Latina en el Conventillo Global: política de medios a contramano. In: **Observatorio Latinoamericano 14. Medios Y Gobiernos Latinoamericanos en el S. XXI**: las tensiones de una compleja relación. Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe: Buenos Aires, 2014.
- COOK, T. **Governing with the News**: the news media as a political institution. 2ed. Chicago: Chicago Press, 2005.
- CUNHA, K. M. R. da. **Capas na mídia impressa**: a primeira impressão é a que fica. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos. **Anais...**
- FAIRCLOUGH, N. **Media Discourse**. New York: St Martin's Press, 1995.
- GÓMEZ, G. Gobiernos progresistas y políticas públicas de comunicación: una aproximación regional para provocar la reflexión. In: KOSCHÜTZKE, A.; GERBER, E. **Progresismo y políticas de comunicación**: Manos a la obra. Fundación Friedrich Ebert: Argentina, 2011.
- GROTH, O. **O Poder Cultural do Desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUAZINA, L. S. **Jornalismo em Busca da Credibilidade**: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. 256 F. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, UNB, Brasília, 2011.
- LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LARA, G. D. **Desconcentração na comunicação audiovisual Argentina**: três anos de tensões pela implementação da lei de meios. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- LATTMAN-WELTMAN, F.; CARNEIRO, J. A. D.; RAMOS, P. A. **A imprensa faz e desfaz um presidente**: o papel da imprensa na ascensão e queda do “fenômeno” Collor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LIMA, V. **Mídia, crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no Jornalismo Impresso**: análise das “características substantivas” das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o Globo. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2006.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

_____. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARK, R. News a form of knowledge. A Chapter of knowledge. In: TURNER, R. H. (ed.). **On control and collective behavior**. Selected Papers., Chicago: Phoenix Books and University of Chicago Press, 2a ed., 1969.

PINHEIRO, D. Pantagruel, o pinguim e a presidente. **Revista Piauí**, São Paulo/Rio de Janeiro, n.22, p. 30-36, jul. 2008.

SILVA, M. **Sentidos de Brasil na Imprensa Argentina**: a Teia Noticiosa do Periódico Clarín. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, Bauru, 2009.

SILVEIRA, M. C. A História de Independência do Clarín.com e as Mudanças no Processo de Convergência com o jornal impresso. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v.2, n 21, p.37-56, jul./dez. 2009.

_____. Em busca de uma visão mais abrangente da história do jornalismo e o exemplo argentino do grupo Clarín. **FACES DA HISTÓRIA**, Assis-SP, v.1, n.1, p. 6-23, jan.-jun., 2014.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SPARROW, B. H. **Uncertain Guardians**: The News media as a political institution. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo I**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

VELOSO, A. M. C.; VASCONCELOS, F. M.; CARDOSO, L. C. F. A cobertura do Jornal Folha de São Paulo nas Manifestação de 15 de março e 12 de abril de 2015. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação de Educação e Sociedade, Naviraí, v.4, n.8, p. 27-45, jul.-dez. 2017.

VERBETE FOLHA DE SÃO PAULO. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo>. Acesso em: 19 dez. 2017.

VIEIRA, A. O. Crise política e Impeachment: uma análise dos efeitos da cobertura midiática na deposição de Dilma Rousseff. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação de Educação e Sociedade, Naviraí, v.4, n.8, p.27-45, jul.-dez. 2017.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

Jornais

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 2 abr., p.1, 2017.

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 3 abr., p.1, 2017.

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 4 abr., p.1, 2017.

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 5 abr., p.1, 2017.

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 6 abr., p.1, 2017.

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 7 abr., p.1, 2017.

CLARÍN, Buenos Aires, Argentina: 8 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 23 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 24 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 25 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 26 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 27 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 28 abr., p.1, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, Brasil: 29 abr., p.1, 2017.

Cynthia Mara Miranda

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como professora no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT). É presidenta do Conselho Editorial da Editora da Universidade Federal do Tocantins (EDUFT) e pesquisadora do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje). Recebeu o Prêmio Hilton Japiassú de Excelência em Pesquisa - categoria Jovem Pesquisadora da Universidade Federal do Tocantins em 2015. É autora do livro “*Mobilização das Mulheres em enunciados de jornais brasileiros (1979-1988)*” e autora de diversos artigos na área mídia, política e questões de gênero. E-mail: cynthiamara@uft.edu.br.

Li-Chang Shuen

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília com Estágio Pós-Doutoral pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua como professora no curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Maranhão. É coordenadora do Laboratório Integrado de Pesquisa e Práticas Jornalísticas da UFMA. É autora de diversos artigos nas áreas de Comunicação e Política, Jornalismo e Identidade Nacional. E-mail: lichangshuen@gmail.com.

Recebido em: 16.04.2018

Aprovado em: 12.11.2018

